

MARCO CONCEITUAL EM ESTOMATERAPIA

*Maria Euridéa de Castro**

A arte de cuidar de pessoas está diretamente relacionada a qualquer forma de vida. A enfermeira precedeu o sacerdote e em tempos de globalização almeja conquistar diferentes formas de trabalho em busca da autonomia. A estomaterapia é uma especialidade que exige conhecimentos específicos para atuar no âmbito profissional. Diante da inexistência de um marco conceitual propõe-se a refletir sobre os pressupostos teóricos, objetivando delinear um marco apropriado para a especialidade. O estudo é do tipo descritivo, não probabilístico. A população coincidiu com igual tamanho da amostra que compreendeu dez alunos do Curso de Especialização em Estomaterapia da Universidade Estadual do Ceará. O instrumento utilizado foi o questionário com perguntas abertas. Para discussão dos resultados utilizou-se a análise temática segundo Polit. Os resultados refletem que a prática cotidiana não coincide com os anseios da profissão considerada promissora no próximo milênio. Inexiste um modelo conceitual embasado em teorias para fundamentar a práxis. Os discursos convergem para uma visão humanística do ser, e as enfermeiras consideram as teorias fundamentais para uma práxis redefinidora da profissão. Não adotam uma metodologia assistencial no cotidiano e vêem o Curso de Especialização como um marco na vida profissional. Acreditam ainda, que o mesmo pode contribuir para o crescimento profissional. Dada a necessidade de definir um marco conceitual em estomaterapia considera-se importante prosseguir o estudo noutras realidades.

* Livre Docente pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará. Coordenadora do Curso de Especialização em Enfermagem em Estomaterapia.

GRUPOS DE CONVIVÊNCIA-UMA POSSIBILIDADE NA PRÁTICA EDUCATIVA DE ENFERMAGEM COM PESSOAS OSTOMIZADAS

*Margareth L. Martins**

*Valéria C. Pereira***

*Fabiola Santos****

*Rode D. Machado da Silva*****

Trata-se de um relato de experiência desenvolvido em grupos de convivência com pessoas ostomizadas, inscritas no Programa de Assistência ao Ostomizado - PAO da Secretaria de Estado da Saúde - Florianópolis - SC. Conta com assessoria do Grupo de Apoio ao Ostomizado - GAO, composto por um equipe interdisciplinar e interinstitucional - UFSC - Departamento de Enfermagem - Hospital Universitário e a representação da Associação Catarinense dos Ostomizados - ACO. Objetiva a promoção da saúde dessas pessoas, utilizando como instrumental metodológico o processo ensino/aprendizagem com enfoque pedagógico-assistencial, fundamentado em Paulo Freire. Compreende quatro sub-grupos, reunindo mensalmente, numa média de vinte e cinco pessoas por sub-grupos, sendo que os encontros são gravados em fita cassete e transcritos para posterior análise. Possibilita compartilhar experiências e saberes entre seus pares e profissionais, a vivência permite a troca constante e continua entre o saber popular e o saber técnico. Utiliza oficinas de saúde para fazer o levantamento da temática de interesse de seus participantes. Identifica temas diversos relacionados ao seu cotidiano, abrangendo necessidades biopsicossociais e espirituais. O profissional atua como mediador do processo ensino/aprendizagem procurando problematizar as situações de vida das pessoas, com a intenção de refletir acerca do processo saúde-doença, mobilizando-as para melhoria da qualidade de vida. Conclui através da análise dos dados que a prática educativa em grupos possibilita a participação e o envolvimento efetivo das pessoas no seu processo de busca de um viver mais saudável.

* Enfermeira Estomaterapeuta, Mestre em Enfermagem, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem - CCS - UFSC.

** Enfermeira Estomaterapeuta.

*** Estudante de Enfermagem

**** Filósofa e Técnica de Enfermagem.

IMPLANTAÇÃO DO SERVIÇO DE ESTOMATERAPIA DE UM HOSPITAL-ESCOLA PÚBLICO-CRITÉRIO NA UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS E ROTINA DE ATENDIMENTO

*M. A. Andrade**

*C.C.T. Kuwabara***

O Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná (HURNP), até maio/99, utilizava materiais padronizados para uso no atendimento de pacientes ostomizados. Contava com a atuação esporádica de uma enfermeira estomaterapeuta, sem contudo, ter um serviço de estomaterapia normatizado. Essa situação ocasionava o uso indiscriminado de materiais, atendimento não especializado ao ostomizado, evidenciando ainda falta de habilidade da equipe de enfermagem na manipulação desses equipamentos. Outra dificuldade observada era o encaminhamento inadequado do paciente, após a alta hospitalar, para as regionais de saúde, como também o treinamento ineficiente visando auto-cuidado. Refletindo sobre estas questões foi instituída uma comissão para estudar e elaborar critérios

quanto a utilização adequada dos materiais e estruturar uma rotina específica para o atendimento aos pacientes ostomizados. As autoras relatam o trabalho da comissão na implantação do serviço que tem como meta assistir o paciente/família de forma individualizada para o alcance da qualidade de vida almejada, bem como contribuir na gerência desta situação.

* Enfermeira Estomaterapeuta do Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná - Londrina-PR.

** Assessora de Enfermagem no Controle de Recursos Materiais do Hospital Univ. Regional do Norte do Paraná - Londrina-PR.

DADOS PRELIMINARES DA IMPLANTAÇÃO DO SERVIÇO DE ESTOMATERAPIA DE UM HOSPITAL-ESCOLA PÚBLICO

*M. A. Andrade**

Ao longo de dois meses, após estruturação pela Diretoria de Enfermagem do Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná de uma comissão para estudar os critérios para utilização de materiais de ostomias e elaborar uma rotina específica no atendimento ao paciente ostomizado, implantou-se o serviço de estomaterapia na instituição. Neste período o enfermeiro estomaterapeuta, seguindo a metodologia instituída, atendeu pedidos de consulta provenientes de enfermeiros e residentes, além de efetivar a busca direta nas diferentes unidades de internação. Foram atendidos 31 pacientes, sendo a maioria do sexo masculino, portadores de fístula entero-cutâneas de alto débito e colostomizados. Constatou-se, pela dinâmica do serviço efetivado, a necessidade de muitas reavaliações (consulta subseqüentes) a cada paciente após a 1ª consulta de enfermagem, com orientações e/ou troca do dispositivo em uso. O treinamento visando a alta hospitalar tem sido realizado com a maioria dos pacientes, repercutindo na qualidade de vida destes no domicílio e no acompanhamento ambulatorial.

* Enfermeira Estomaterapeuta do Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná - Londrina-PR.

ESTUDO DESCRITIVO DOS ESTOMAS REALIZADOS NO HOSPITAL E MATERNIDADE CELSO PIERRO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

*Raquel L. Vieira G. Santos**

*Ronise Luvizotto***

Estudo relativo à importância da demarcação do estoma no pré-operatório realizado no Hospital e Maternidade Celso Pierro da PUC-Campinas, relacionando a existência da demarcação à qualidade de vida de clientes no período pós-operatório mediato. Foram realizados entrevistas em 10 clientes internados no referido hospital sendo estes selecionados aleatoriamente, condicionado apenas à ileostomia e colostomia. A análise dos resultados permite-nos concluir que a demarcação é fator de suma importância para o sucesso cirúrgico e reabilitação do cliente porque previne complicações posteriores como dificuldade para realização do auto-cuidado, má adaptação dos dispositivos, dificuldade para vestimento, assegurando assim sua estabilidade emocional e inserção social.

* Professora da Faculdade de Enfermagem - PUC-Campinas.

** Graduanda do 4º ano da Faculdade de Enfermagem - PUC-Campinas

PRECOCIDADE NO RETORNO DO OSTOMIZADO APÓS A ALTA HOSPITALAR: ALTERNATIVA INTERDISCIPLINAR PARA PREVENÇÃO DE COMPLICAÇÕES. RELATO DE EXPERIÊNCIA.

*Rita de Cássia Domansky**

*Isabel Regina Inocente***

*Luziane Dalla Costa****

Rosana Maria Fiorim da Encarnação

Na vivência dos últimos quatro anos, verificamos que o tempo entre a alta hospitalar e o primeiro retorno no ambulatório do GIAO - grupo interdisciplinar de assistência ao ostomizado, era determinante para a instalação de complicações precoces e tardias, necessitando muitas vezes de reinternações em decorrência destas. Os ostomizados quando chegavam a este serviço após a alta hospitalar apresentavam desde perda de peso acentuada, deiscência de estoma, dermatites, inadequação do equipamento, entre outras. Quando questionados sobre orientações/treinamentos, a maioria relatava não as ter recebido durante a internação ou alta. A minoria que relatava ter tido alguma orientação, percebia-se contudo que foram inadequadas ou insuficientes. Frente a esta problemática, em julho/98 foi criado dentro do GIAO um ambulatório para assistir o ostomizado precocemente, numa abordagem interdisciplinar. Durante estes atendimentos os profissionais verificam conhecimentos previamente assimilados, levantam problemas, realizam as orientações e treinamentos necessários, visando tornar o ostomizado e/ou seu cuidador capacitados a realizar cuidados específicos. Verificamos que no primeiro retorno os problemas são apenas minimizados e sanados

efetivamente a partir do segundo atendimento. Com estes resultados podemos concluir que a precocidade no retorno após a alta possibilita a diminuição da instalação de complicações; a adequação e provisão de equipamentos adequados, acarretando em benefícios na relação familiar/social.

- * Enfermeira Estomaterapeuta da Seção Médico Cirúrgica, Coordenadora do GIAO - Grupo Interdisciplinar de Assistência ao Ostimizado, do Ambulatório do Hospital de Clínicas da Universidade Estadual de Londrina, Londrina - Paraná.
- ** Enfermeira Assistencial da Seção Médico Cirúrgica, Membro do GIAO
- *** Nutricionista, Especialista em Nutrição Clínica, Membro do GIAO
- **** Assistente Social, Membro do GIAO

ESTUDO PRELIMINAR SOBRE ATENDIMENTO AOS OSTOMIZADOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

*Adriana de P.C. Michelone**

Trata-se de um estudo que teve por objetivo caracterizar o atendimento dos 5 serviços públicos credenciados pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo para atendimento a pessoa ostomizada na cidade de São Paulo quanto aos dados sobre a unidade, clientela, equipe multidisciplinar, recursos materiais e documentação. Os dados foram coletados em março e abril de 1998 por meio de entrevista junto a 10 profissionais de saúde que trabalhavam nos serviços credenciados e que aceitaram participar do estudo. As unidades foram caracterizadas quanto ao número de pacientes cadastrados, média de atendimentos diários e média de casos novos semanais. A clientela foi caracterizada quanto ao sexo, diagnósticos médicos mais frequentes e localização do estoma. Em relação a equipe multidisciplinar foi caracterizado o número de profissionais disponíveis por unidade, exclusividade ao programa, tipo de treinamento para atender a clientela, atribuições e grau de satisfação em relação ao programa. Quanto aos recursos materiais caracterizou-se a presença dos itens relacionados pela Proposta Básica de Atendimento e sobre a forma de distribuição de bolsas e acessórios. Em relação a documentação investigou-se qual o tipo de comunicação oficial com o serviço de origem e a forma de registro de informações na unidade. Pode-se concluir que os serviços credenciados estão em diferentes fases de atendimento, recebem uma clientela heterogênea e não há um sistema de referência e contra-referência entre os serviços e a necessidade real de proceder uma avaliação mais rigorosa.

- * Enfermeira, Docente Enfermagem Clínica da FAMEMA e mestranda da Escola de Enfermagem da USP.

COMPLICAÇÕES DE OSTOMIAS EM CLIENTES ATENDIDOS PELO PROGRAMA DE ATENDIMENTO DOMICILIAR DA CONVATEC

*Beatriz F. Alves Yamada**
*Maria da Glória S.G. Marcondes***
*Isabel Umbelina R. Cesaretti****
*Alciony Aparecida do Prado*****

Este trabalho objetivou divulgar as complicações de ostoma e pele periestoma encontrados nos clientes atendidos pelo Programa de Atendimento Domiciliar a Ostimizados desenvolvido pela ConvaTec. Os dados foram coletados por uma das enfermeiras estomaterapeutas, prestadora de serviço para o programa, na cidade de São Paulo, no período de nov 98 a agosto 99, utilizando como instrumento de coleta de dados o "Relatório de Visitação Domiciliar" do programa. Foram visitados 66 clientes, sendo 35 (53%) do sexo feminino e 31 (47%) masculino, cuja idade variou de 13 dias a 84 anos. Quanto ao tipo de ostomas, foram encontrados 12 (18%) colostomias a direita, 31 (41%) a esquerda, 17 (26%) ileostomias e 6 (9%) urostomias. Referente as complicações a dermatite periestoma foi a mais freqüente 21 (49%), Outras como: descolamento muco-cutâneo, hérnia associada a prolapso e dermatite, prolapso associado a dermatite, retração associada a deslocamento mucocutâneo apresentaram a freqüência de 2 (4,7%) respectivamente e estenose associada à hérnia paracolostômica e má localização associada à dermatite uma freqüência de 1 (2,3%), totalizando 43 (65%) clientes com complicações. Percebemos nessa amostra que a incidência de complicações como a dermatite foi significativa, sendo que a mesma poderia ter sido evitada, caso medidas preventivas e uso adequado dos dispositivos tivessem sido utilizados.

- * Enfermeira Estomaterapeuta mestranda da EEUSP, sócia e coordenadora técnica da EnfMed-Serviços de Saúde, prestadora de serviços para a ConvaTec.
- ** Enfermeira Estomaterapeuta dos Serviços Profissionais ConvaTec.
- *** Enfermeira Estomaterapeuta, mestre em enfermagem, ex-docente do Dept° de Enfermagem da UNIFESP, prestadora de serviços para a ConvaTec.
- **** Enfermeira dos Serviços Profissionais ConvaTec.

A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NÃO ESTOMATERAPEUTA NO PREPARO PARA A ALTA DO PACIENTE OSTOMIZADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Sandra M.P. Rolim*
 Márcia V. Albernaz**
 Cláudia R.P. Périco***

Acreditamos em uma assistência sistematizada e individualizada, no potencial do indivíduo em desenvolver o seu auto-cuidado e no compromisso do profissional em exercer uma assistência atualizada na teoria e na prática das suas ações. Atuando como enfermeiros da clínica médica e cirúrgica, começamos a perceber que o paciente ostomizado necessitava de um profissional melhor preparado para atendê-lo nas dificuldades apresentadas como falta de habilidade em manusear os dispositivos, problemas com a pele e outros. Este trabalho visa relatar a experiência das autoras na implantação de um programa de orientação de alta a pacientes ostomizados. As orientações se processam em quatro etapas, nas quais são abordados diferentes temas, tais como: orientação quanto aos aspectos de sua vida diária, social, utilização dos dispositivos, problemas relacionados ao estoma e pele periestomal e outros. A partir dessa experiência identificamos algumas facilidades e dificuldades em relação a operacionalização do programa. As facilidades estão relacionadas ao incentivo da instituição, interesse e sensibilização de alguns enfermeiros e ao próprio paciente. As dificuldades estão relacionadas aos enfermeiros, a equipe médica, a instituição e ao próprio paciente. O programa tem se mostrado bastante positivo e temos como perspectivas, a fim de aperfeiçoar o processo, a criação de um grupo multidisciplinar para subsidiar os profissionais com dificuldades e o desenvolvimento de trabalhos que sensibilizem aqueles que atendem os ostomizados. Todas as orientações são importantes para melhorar a qualidade de vida do paciente, tornando-o mais seguro e independente, que é um dos principais objetivos do processo de reabilitação.

- * Enfermeira Supervisora da Clínica Médica e Cirúrgica do Hospital Ana Costa - Santos - SP. Pós-graduada em "Administração Hospitalar" e "Saúde do Adulto Institucionalizado", pela USP.
 ** Enfermeira Assistencial da Clínica Médica e Cirúrgica do Hosp. Ana Costa, Pós-graduada em Licenciatura pela UNISANTOS.
 *** Enfermeira Encarregada do Hospital Ana Costa, Pós-graduada "Saúde do Adulto Institucionalizado", pela USP.

CARACTERIZAÇÃO DA CLIENTELA ATENDIDA NO PROGRAMA DE ATENÇÃO À PESSOA PORTADORA DE OSTOMIA NO MUNICÍPIO NO RIO DE JANEIRO.

Tânia das Graças Lima Pinheiro*

Trata o presente de estudo descritivo acerca da caracterização da clientela atendida no Programa de Atenção à Pessoa Portadora de Ostomia no Município do Rio de Janeiro. O referido Programa foi implantado no Instituto Municipal de Medicina Física e Reabilitação Oscar Clark em agosto de 1995, atendendo de forma regular e sistematizada desde então. Atualmente têm cadastrado 1400 pacientes, atendendo em média 800 por Mês, os quais são consultados com vistas à orientações para o auto-cuidado, indicação e concessão de equipamentos.

- * Enfermeira Estomaterapeuta do HUCFF/UFRJ. Chefe do Serviço de Enfermagem do IMMFR Oscar Clark. Mestranda da EAN/UFRJ. Enfermeira Estomaterapeuta do Programa de Atenção à Pessoa Portadora de Ostomia da SMS da Prefeitura do Rio de Janeiro.

ENSINO PRÉ-OPERATÓRIO PARA LARINGECTOMIZADOS: ATUAÇÃO DA ESTOMATERAPEUTA.

Helena Megumi Sonobe*

A autora relata a importância da atuação da estomaterapeuta na assistência de enfermagem prestada aos pacientes com diagnóstico de câncer de laringe, no momento da sua internação, quando é possível através da entrevista de admissão, realizar ensino pré-operatório, segundo as necessidades relatadas pelos mesmos, utilizando-se a Pedagogia da Problematização (Método do Arco). Esta proposta mostrou-se viável, havendo flexibilidade e adequação às condições de cada realidade, possibilitando uma prática coerente e compreensiva.

- * Enfermeira Estomaterapeuta

OSTOMIZADO X QUALIDADE DE VIDA

*Maria Angela Boccara Paula**

*Andréia R.A. Carnier***

*Carolina B. Silva***

*Doise M. Siqueira***

*Gabriela J. Vera***

*Márcia P. Procópio***

Um estoma temporário ou definitivo gera no indivíduo sentimentos de ansiedade e medo, além de alterações de ordem física, sexual, social, repercutindo na sua independência e autonomia. A qualidade de vida do ostomizado é um assunto que desperta interesse nos profissionais de saúde. Conhecer as possíveis alterações geradas pela ostomia, na qualidade e estilo de vida das pessoas ostomizadas é o objetivo deste estudo. Foram entrevistados 25 ostomizados, durante o mês de junho de 1999, na região do Vale do Paraíba Estado de São Paulo. Destes 72% (18/25) eram do sexo feminino e 28% (7/25) do masculino: 60% (15/25) encontravam-se na faixa etária de 61-80 anos; 80% (20/25) tinham o 1º grau; 52% (13/25) eram ostomizados há menos de cinco anos, 24% (6/25) entre 6-10 anos e 24% (6/25) há mais de 11 anos; 80% (20/25) eram colostomizados. Os questionamentos foram relacionados às possíveis mudanças geradas na vida do cliente, alteração de hábitos alimentares, vida familiar, social, laborativa e sexual, necessidade de adaptação na residência, obtenção e qualidade dos materiais e dispositivos utilizados, orientações recebidas dos profissionais de saúde e sugestões. Os resultados concluem que a confecção de ostomia produz importantes repercussões no estilo e qualidade de vida dos indivíduos, relacionados principalmente com o controle sobre suas funções corporais, auto-imagem e auto-estima, sendo fundamental e desejável a existência de acompanhamento, de equipe interdisciplinar de saúde, atuando desde o pré-operatório a fim de minimizar as dificuldades e o processo de adaptação do ostomizado, nesta nova etapa de vida.

* Enfermeira Estomaterapeuta

** Aluna de Graduação em Enfermagem - Universidade de Taubaté

SER OSTOMIZADO NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

*Maria Helena B.A. Luz**

*I.E. de O. Souza***

As pessoas portadoras de ostomia intestinal - ileo ou colostomizados, constituem uma clientela com problemática de saúde tão peculiar, que suscitou o surgimento e o desenvolvimento de uma especialidade na área de enfermagem - a estomaterapia. Entretanto, o exercício de sua prática ainda se encontra, quantitativa e qualitativamente, bastante limitada no desenvolvimento de uma interação direta com o cliente e no direcionamento de suas ações a partir de perspectivas e da instrumentalização técnica-científica, fundamentada em pesquisas na linha positivista. Neste trabalho buscamos desenvolver uma análise compreensiva do significado de ser ostomizado para a pessoa que vivencia em seu cotidiano essa condição, na perspectiva da investigação fenomenológica a partir dos depoimentos dos próprios ostomizados, obtidos através da entrevista fenomenológica. Os resultados visam contribuir para melhor reflexão das pessoas envolvidas - profissionais de saúde, familiares e os próprios ostomizados, acerca dessa condição de vida, possibilitando o redirecionamento do assistir e com-viver com a ostomia com qualidade de vida.

* Professora Adjunta do Deptº de Enfermagem da UFPI, doutoranda da EEAN-UFRJ.

** Professora Adjunta e doutora em Enfermagem pela EEAN-UFRJ.

REPERCUSSÃO DA INTEGRAÇÃO DA ASSISTÊNCIA HOSPITALAR AMBULATORIAL NA CONDIÇÃO DE VIDA DO OSTOMIZADO.

*Rita de Cássia Domansky**

*Margarete de Araújo Andrade***

Durante quatro anos os ostomizados assistidos pelo ambulatório de estomaterapia do AHC/HURNPr, saíam de alta hospitalar sem orientações ou orientações ineficazes quanto a sua ostomia, chegando ao ambulatório com vários problemas e complicações instaladas decorrentes à falta de cuidados. Paralelamente, verificamos que os enfermeiros das unidades de internação não estavam envolvidos com a demanda de orientações que o ostomizado necessitava receber para tornar-se apto a auto-cuidar-se após a alta. Frente a esta problemática, a diretoria de enfermagem instituiu uma rotina de atendimento ao ostomizado, visando sanar a situação. A Instituição conta com duas enfermeiras estomaterapeutas, uma atuando a nível hospitalar e outra no ambulatório, sendo que estas áreas ficam distantes uma da outra 11 Km. Com a nova rotina implantada, a estomaterapeuta do hospital passou a atender

formalmente a todos os ostomizados internados, durante o pré-trans-pós-operatório com a finalidade de torná-los aptos a auto-cuidarem-se e no impedimento deste, alguém da família, vislumbrando a alta hospitalar. Nesta ocasião o ostomizado é agendado para o ambulatório de estomaterapia, para acompanhamento especializado e provisão de equipamentos. Observamos que em dois meses após a padronização desta rotina houve uma melhora acentuada na qualidade das orientações e cuidados assimilados pelos ostomizados; uma diminuição no aparecimento de complicações; decréscimo do tempo da realização da 1ª consulta; como também as dúvidas dos ostomizados quanto ao seu auto-cuidado surgem na realidade vivida após alta hospitalar. Os pacientes estão melhor adaptados à nova condição de ostomizados, em consequência das medidas adotadas na integração da assistência hospitalar e ambulatorial.

- * Enfermeira Estomaterapeuta, Enfermeira Assistencial da Seção Médico-Cirúrgica e Coordenadora do GIAO-Grupo Interdisciplinar de Assistência ao Ostomizado, do Ambulatório do Hospital de Clínicas da Universidade Estadual de Londrina, Paraná.
 ** Enfermeira Estomaterapeuta do Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná, da Universidade Estadual de Londrina, PR.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE ESTUDOS PUBLICADOS SOBRE OSTOMIAS UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

*Cristiane Frazilio Galves**
*Alessandra A. Somenzari**
*Ana Carolina Bhering Alves do Amaral**
*Nádia A.A. Polleti***

A proposta para a realização deste estudo, emergiu de nossa experiência em um grupo de cuidados com feridas e ostomias, de um hospital de ensino do interior do estado de São Paulo; bem como de necessidade de estarmos apresentando ao final do estágio extra-curricular que possui uma duração de 200h, um estudo monográfico sobre ostomias intestinais. Este grupo é formado por enfermeiras do hospital, docentes e alunos do 3º ano de graduação em Enfermagem. Neste contexto nos propusemos a analisar artigos publicados em revistas nacionais indexadas no LILACS e BDNF, no período de 1990 à 1998. Os resultados obtidos até o momento, demonstram a importância deste tipo de pesquisa, considerando a necessidade que existe de se consolidar conhecimentos na enfermagem.

- * Acadêmicas da 3ª série do Curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina da SJRP-FAMERP.
 ** Docente do Curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina da SJRP-FAMERP.

SER IDOSO E OSTOMIZADO: A APLICAÇÃO DE UM INSTRUMENTO PARA AUXILIAR O CUIDADO...

*Valéria Pereira Cyrillo**
*Margareth L. Martins***
*Rode Dilda Machado da Silva****
*Gabriela Cavalheiro*****
*Fabiola dos Santos******
*Anita Fangier******

O estudo tem o propósito de divulgar um instrumento de avaliação da autonomia no desempenho das atividades da vida diária da pessoa idosa ostomizada. Segundo as projeções demográficas do IBGE, para o ano 2025, o Brasil terá 15% de sua população com mais de 60 anos de idade; serão 32 milhões de idosos, com uma inversão da pirâmide etária, exigindo-se políticas de saúde inseridas no contexto das novas demandas sociais. Dos dados do cadastramento de clientes ostomizados em Santa Catarina (NUCRON, 1996) 50,9% das pessoas tinham 60 anos de idade e mais. O desencadeamento de câncer intestinal tem uma frequência maior a partir do envelhecimento humano, onde espera-se pelo aumento de idosos ostomizados. A pessoa ostomizada idosa enfrenta dois estigmas sociais: a ostomia e a idade avançada. Ela sente-se enlutada a partir da sua ostomia, e o tempo de enlutamento varia conforme a sua rede de suporte social, assim como suas características pessoais para o enfrentamento da sua nova condição de vida. O instrumento - modelo "GERONTE", foi desenvolvido na faculdade de medicina de Lyon, traduzido e utilizado no Brasil por Gonçalves e Cardoso (1996) na prática assistencial de geriatria e gerontologia. Aplica para pessoas idosas ostomizadas, considerando as características peculiares próprias vivenciadas nessa condição, acrescidos a sua multidimensionalidade. Contribui na avaliação do profissional delineando as ações para promoção do auto-cuidado. Permite plano assistencial com atenção a pessoa idosa ostomizada e sua família.

- * Enfermeira, Estomaterapeuta, Coordenadora do Programa de Assistência ao Ostomizado da Secretaria de Estado da Saúde de SC.
 ** Enfermeira, Estomaterapeuta, Docente da UFSC.
 *** Técnica de Enfermagem Filósofa Gerontóloga da UFSC.
 **** Psicóloga.
 ***** Estudante de Enfermagem da UFSC
 ***** Ostomizada, Associação Catarinense dos Ostomizados

BUSCANDO A SISTEMATIZAÇÃO DE ENFERMAGEM NO AMBULATÓRIO

*Silene de Lima Oliveira**
*Lauma Dzidra Paegle***
*Rosângela Ap. Saconato***
*Heidy Carmecide da S. Reis***

Este estudo objetiva discutir o papel da enfermeira no ambulatório cirúrgico oncológico sob a ótica do Processo de Enfermagem. Atualmente, este setor é composto por 4 enfermeiras, as quais atuam de forma integrada na assistência ao paciente oncológico, principalmente no que se refere a cuidados com feridas operatórias e de difícil cicatrização, fístulas e deiscências, bem como o cuidado ao portador de ostomias. Através da Sistematização da Assistência de Enfermagem, tem sido possível implantar, nos últimos 5 anos, a Consulta de Enfermagem no pré e pós-operatório, com o intuito de promover uma melhor adaptação do indivíduo às mudanças decorrentes da sua doença e seu tratamento. A atuação junto a grupos de pacientes em tratamento complementar, com objetivo educativo terapêutico, sob a coordenação da enfermeira e supervisão técnica do serviço de psiquiatria e psicologia do Hospital, tem se mostrado um espaço renovador para o enfermeiro em nossa instituição.

* Enfermeira. Coordenador do Ambulatório Cirúrgico do Hospital de Câncer de São Paulo - A.C. Camargo

** Enfermeira.

SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AOS OSTOMIZADOS EM UNIDADE DE INTERNAÇÃO CIRÚRGICA

*Helena Megumi Sonobe**
*Maria José Rossato***

As autoras relatam a importância do enfermeiro estomaterapeuta na Sistematização da Assistência de Enfermagem prestada aos pacientes internados em uma Unidade Cirúrgica de um Hospital-Escola, envolvendo ensino pré-operatório, demarcação de estoma, preparo pré-operatório, prescrição de dispositivos e ensino do autocuidado para paciente/família e encaminhamento para aquisição de dispositivos nos Programas de Ostomizados. Ressaltam ainda a importância da atuação integrada de todos os profissionais da Unidade, possibilitando a manutenção e melhoria na qualidade da assistência prestada.

* Enfermeira Estomaterapeuta

** Enfermeira.

PROJETO DE ASSISTÊNCIA À OSTOMIA: VISÃO DOS EGRESSOS PARTICIPANTES

*Raquel Leite Vieira Gonzalo**
*Consuelo C.M.B. Moraes***

Estudo relativo à descrição da trajetória do Grupo de Assistência à pacientes ostomizados da Faculdade de Enfermagem da PUC-Campinas, por meio de investigação do impacto da experiência dos egressos participantes. Para tanto foram realizadas entrevistas com oito egressos utilizando as sugestões metodológicas da pesquisa qualitativa. Os dados coletados possibilitam a análise relativa à realidade da experiência para todos os egressos até para aqueles que não trabalham especificamente com colostomia, além de traçar relato acerca da história do grupo, conclui-se que a experiência foi bastante positiva para os entrevistados.

* Professora da Faculdade de Enfermagem - PUC-Campinas.

** Graduanda do 4º ano da Faculdade de Enfermagem - PUC-Campinas

PROTOCOLO PARA SELEÇÃO DE DISPOSITIVOS PARA OSTOMIZADOS: UMA ALTERNATIVA PARA A ESCOLHA ADEQUADA

*Rita de Cássia Domansky**
*Isabel Regina Inocente***

Com os avanços tecnológicos no desenvolvimento dos produtos específicos na área de ostomias, as empresas estão investindo no aprimoramento de seus produtos, o mercado está cada vez mais acirrado, pressionando muitas vezes os profissionais a usar este ou aquele produto. Embora sabendo das diferenças e das qualidades de cada um deles, não se consegue desvencilhar destas insistências constantes. Diante desta situação, as enfermeiras do GIAO - Grupo

Interdisciplinar de Assistência ao Ostomizado, do Ambulatório do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Londrina, que mantém uma média mensal de 180 atendimentos, criaram um Protocolo para avaliação de Dispositivos para ostomias, evitando a desigualdade na avaliação dos diversos tipos de dispositivos e acessórios, entre as inúmeras empresas. Neste Protocolo, realizou-se um levantamento de todos os dispositivos e acessórios disponíveis, considerando composição, características de apresentação e especificações que devem ser atendidas. Considerou-se ainda as necessidades individuais dos ostomizados, pois a adaptação do mesmo a esta situação, está associada ao aprimoramento das técnicas cirúrgicas, ao domínio do cuidado com o estoma e pele periestomal e, no acesso ao dispositivo adequado, que refletirá diretamente na qualidade de vida do ostomizado. Com o protocolo estabelecido passou-se para a etapa de testes dos produtos que são fornecidos. A avaliação técnica é feita pelos enfermeiros e a prática pelos ostomizados, selecionados através de critérios pré-estabelecidos. Observou-se que através dessa seleção torna-se mais fácil mostrar como um ou outro dispositivo responde as especificações necessárias para atender a ampla clientela deste grupo.

* Enfermeira Estomaterapeuta da Seção Médico Cirúrgica. Coordenadora do GIAO - Grupo Interdisciplinar de Assistência ao Ostomizado. Ambulatório do Hospital de Clínicas da Universidade Estadual de Londrina.

** Enfermeira Assistencial da Seção Médico Cirúrgica. Membro do GIAO

QUALIDADE DE VIDA DE CLIENTES COM ESTOMAS INTESTINAIS DEFINITIVOS E PROVISÓRIOS

*Mirian Cristina dos Santos Almeida**
*Vera Lúcia Conceição de Gouveia Santos***

A presença do estoma, ao gerar profundas modificações físicas, psico-emocionais e sociais, implica em transformações na rotina e hábitos de vida que, em última instância, comprometem a qualidade de vida do indivíduo. O objetivo é comparar a qualidade de vida de portadores de estomas intestinais definitivos (Grupo A) e provisórios (Grupo B), com escores obtidos através da Escala SF-36 (The Medical Study 36 - item Short-Form Health Survey). A população era constituída de 20 clientes do Grupo A, a maioria por câncer de reto, e 15 clientes do Grupo B, por traumas (causas externas), atendidos em instituições de saúde. Para comparação entre os grupos, utilizamos o teste da soma de postos de Wilcoxon ($p > 0,05$). Quanto aos escores médios para as dimensões de ambos os componentes, variaram de 50,0 (Aspectos Físicos) a 77,0 (Capacidade Funcional) no Grupo A e 40,8 (Aspectos Físicos) a 100 (Aspecto Emocional e Dor) no Grupo B. Na comparação entre ambos grupos, ocorreu diferença significativa apenas para o domínio Vitalidade ($p = 0,0099$), com escore mais elevado para o Grupo B, sendo justificado pela predominância de jovens nesse grupo ($p = 0,0030$). Em vista dos resultados obtidos, especialmente para as medianas (a maioria acima de 70), podemos considerar que a percepção sobre a qualidade de vida relacionada à saúde dos clientes ostomizados é positiva, independente do caráter permanente ou provisório do estoma.

* Enfermeira. Formada pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

** Professor Doutor do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da USP

CUIDADOS DOMICILIARES: UMA NECESSIDADE EM ESTOMATERAPIA

*Miyoco Saito Sakuraba**

A reintegração dos clientes ostomizados à família, ao trabalho e ao meio social é a meta das enfermeiras estomaterapeutas, e do Estado. No seu período pós-operatório tardio, em que já houve o retorno ao domicílio e estão vivenciando mudanças no seu estilo de vida, convivendo com a ostomia, é um período importante para a sua reabilitação. Por ocasião dos estágios realizados no "Clube dos Colostomizados", observou-se a falta do comparecimento dos clientes, neste período pós-operatório, isto é, na sua primeira consulta após alta hospitalar, comparecendo no seu lugar um membro da família. Diante desta realidade, achou-se oportuno constatar os problemas que dificultam a sua presença no Clube, considerando o fato de ser a primeira consulta com a enfermeira estomaterapeuta para receber as orientações ao auto-cuidado, receber os dispositivos adequados ao estoma, além de identificar outros fatores que dificultam a sua reabilitação. O estudo tipo estudo de caso, foi realizado nos domicílios dos clientes cadastrados no "Clube dos Colostomizados" do município de Fortaleza-CE, no período de Julho de 1999. A amostra constou de dois casos. O instrumento utilizado foi um formulário elaborado para este trabalho, e os dados foram coletados pela própria entrevistadora. Constatou-se que as limitações físicas, decorrentes da intervenção cirúrgica, principalmente no caso de amputação do reto, onde se observa a dificuldade do cliente de se posicionar sentado, dificultando a sua locomoção. Outro problema constatado foi a dificuldade financeira, num contexto social em que o cliente depende de um transporte particular.

* Enfermeira.

AVALIAÇÃO DA BOLSA OSTOMIA DRENÁVEL COM A 2ª ABERTURA.

*Néria Invernizzi Silveira**

A problemática que pessoas ostomizadas enfrentam são distintas, sendo a manipulação das bolsas de ostomias uma variável que requer indicações e orientações específicas. A apresentação da Proposta de um Novo Modelo de Bolsa de Ostomia de uma peça Drenável (como desenho) com a criação da 2ª abertura, disposta no extremo oposto da abertura convencional, foi desenvolvida pelo fabricante da marca Shelter. As bolsas de ostomia não são consideradas experimentais ou invasivas pelo Institutional Review Board, porque não envolvem riscos e são materiais existentes no mercado nacional e internacional. O objetivo deste estudo é avaliar o desempenho clínico e satisfação do cliente com o modelo de bolsa proposto. Este estudo foi realizado na Policlínica II - Campinas. Foram selecionados 20 pacientes de indicação de bolsa drenável, que já tivessem utilizado o sistema convencional para drenagem e higienização. Cada paciente recebeu 5 bolsas e a colheita dos dados foram feitas através de um formulário, imediatamente após a utilização das bolsas. A Praticidade de Drenagem e Higienização, Eliminação de Gases, Segurança, Estética, Integridade das Bolsas, Localização e tamanho da 2ª abertura, Durabilidade e outros parâmetros analisados garantiram a eficácia do desempenho clínico e satisfação dos clientes pesquisados. Este estudo demonstrou a possibilidade da fabricação da bolsa de ostomia como proposto, a adaptação do cliente, outra opção de indicação clínica, como também desencadear novas pesquisas para bolsa de urostomias, avaliações por familiares que cuidam do ostomizados e pela equipe de enfermagem e custo verdadeiro deste modelo.

* Enfermeira Estomaterapeuta.

SEXUALIDADE DO PACIENTE OSTOMIZADO

*J.L. Felício**
*C.R. Neder***

As autoras abordam as diversas possibilidades de repercussão que a doença provoca na área do comportamento sexual. Estas possibilidades são discutidas em termos do seu nível de patologia, ou seja, o quanto estas mudanças são consequências normais que reportam ao novo quadro orgânico e o quanto podem chegar a ser disruptivas, provocando rupturas no vínculo conjugal, ou denunciando desajustes mentais mais amplos. Aponta-se como estas informações sobre as alterações do comportamento sexual do paciente aparecem para os diversos profissionais de saúde envolvidos na terapêutica e também o tipo de formação e preparo que esta equipe deve desenvolver para lidar adequadamente com este aspecto. Concluindo demonstramos que o fato do profissional se ver impossibilitado de diagnosticar, acolher e fazer os encaminhamentos devidos, contribui para que este tipo de sofrimento, o da incapacidade de usufruir da intimidade sexual, seja um agravante no declínio do padrão de qualidade de vida do paciente.

* Psicóloga clínica e hospitalar. Doutoranda em Psicologia Clínica pela USP.